

## AS ESCOLAS CLÁSSICAS DA SOCIOLOGIA E A RELIGIÃO

Agemir de Carvalho DIAS

O pensamento sociológico começou a adquirir um status científico a medida que a metodologia de análise foi se constituindo. Antes do século XIX temos filósofos sociais. A diferença que podemos estabelecer com a sociologia é que o filósofo social analisa como a sociedade poderia ser, enquanto o sociólogo analisa a sociedade como ela é.

As linhas de análise na sociologia geralmente se filiam a um dos grandes pensadores classificados como fundadores da disciplina. A classificação é uma forma de organização da realidade que facilita a análise. Os três autores que trataremos a seguir representam maneiras de fazer pesquisa. A metodologia utilizada por cada um deles serviu de modelo para outros pesquisadores.

Karl Marx é o primeiro autor clássico do qual analisaremos as contribuições para o desenvolvimento de uma sociologia da religião. O método dialético foi utilizado por Marx para estabelecer a sua crítica da sociedade capitalista. Este método pensa a sociedade como espaço da contradição, como um lugar de luta dos diversos interesses. Nesse espaço de luta a religião é expressão do mundo real e também protesto contra este mundo.

O método sociológico necessita de uma visão de sociedade. A visão orgânica da sociedade influenciou o pensamento de Durkheim. Ele imaginava que a sociedade é um organismo e por isso deve ser analisado utilizando ferramentas de análise que foram usadas pelas ciências biológicas. Na visão orgânica a sociedade é vista como um sistema e cada uma das suas partes são analisadas a partir da função que exercem. A função da religião na sociedade é uma das preocupações do pensamento de Durkheim.

A sociedade como resultado de fatores históricos e culturais marca o método compreensivo de Max Weber. A sociologia alemã é devedora do caminho apontado por Weber que buscou compreender os fatores históricos e culturais que levaram a formação da sociedade europeia moderna. O método compreensivo proposto por Weber leva em conta o sentido das ações sociais. A compreensão do sentido da racionalidade religiosa possibilitou a relação entre religião e economia no pensamento de Max Weber.

## *A dialética marxista e a crítica da religião.*

Karl Marx (1818-1883) foi um dos mais importantes pensadores sociais do séc. XIX, ele procurou entender a sociedade capitalista e dedicou a sua vida a este propósito. Marx era muito bem preparado intelectualmente e aliou o seu bom preparo acadêmico com a militância política. A sua obra causou grande impacto em todo pensamento sociológico, político e econômico no mundo contemporâneo.

- **Aspectos biográficos**

Karl Marx nasceu em Treves, na Alemanha, ele era de uma família de judeus que se tornaram protestantes, seu pai era advogado. Ele estudou nas universidades de Bonn e Berlim. Após se formar se dedicou como redator em um jornal chamado *A Gazeta Renana*, de oposição ao governo da Prússia. Esse jornal foi fechado, e Marx desempregado se mudou para Paris logo após haver se casado com uma jovem aristocrata. Em Paris fundou outro jornal chamado *Anais Franco-alemães*. Foi na cidade de Colônia que ele conheceu aquele que se tornou o amigo para toda a vida: Friedrich Engels, que era filho de uma família de industriais de tradição calvinista.

Engels foi seu parceiro em diversas obras. Uma das obras escritas em parceria foi o livro *A ideologia Alemã* na qual eles anunciam a sua convicção materialista. Também redigem juntos o *Manifesto Comunista*, obra de propaganda da Liga dos Justos, depois chamada Liga comunista. Por essa ocasião eles estavam vivendo na Bélgica depois de serem exilados da França.

Marx mudou-se para Londres em 1849. Viveu nos primeiros anos em Londres em grande penúria com a sua família. Nesse período se dedicou aos estudos da economia política. Ainda em Londres participou da criação da Associação Internacional dos Trabalhadores. A militância política na organização dos trabalhadores e a dedicação aos estudos o acompanharam até o final de sua vida em 1883.

Marx foi um hábil analista social e historiador. Estudou os acontecimentos do seu tempo como o episódio das Comunas de Paris (*A guerra civil na França*, 1871), o programa do Partido Operário Alemão (*Crítica do programa de Gotha*, 1875), o governo de Napoleão III (*O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte*). Mas a sua grande obra foi *O Capital*. O primeiro volume foi publicado em 1864 os demais volumes foram editados por

Engels a partir dos seus manuscritos após a sua morte.

- **Objeto da Sociologia**

Marx procurou entender como funcionava a sociedade capitalista. O seu trabalho teve como objetivo esclarecer todos os aspectos dessa sociedade e por isso a sua obra contém influências de diversas áreas do conhecimento: da sociologia, da economia e da filosofia. Ele era um pensador que buscava ser completo, por isso sua influência tornou-se importante em diversas ciências.

Para compreender a sociedade ele utilizou um método: a dialética. Essa metodologia de análise utilizada por Marx sofreu uma influência do pensamento de Hegel. A dialética parte dos princípios da contradição e do antagonismo. Só que para Hegel as contradições se resolvem no mundo das idéias, enquanto que para Marx as contradições se resolvem na ação histórica e social.

Para Marx as sociedades evoluem a partir de suas contradições. O sistema social hegemônico que se estabeleceu tornou-se uma afirmação (tese) que gerou dentro de si um antagonismo (antítese). Do choque dialético entre esses dois pólos sobrevém uma nova situação histórica (síntese). É nessa oposição entre pólos opostos que Marx constatou a luta entre as classes sociais.

Alguns conceitos importantes fazem parte do pensamento Marxista. Anthony GIDDENS (1984) explicitou da seguinte forma os conceitos elaborados por Marx :

- **Materialismo histórico** – é uma metodologia de análise que considera que o homem dá forma ao mundo em que vive, sendo por outro lado formado por ele também.
- **Mais valia** – é tudo aquilo que o trabalhador produz além do equivalente ao valor que se paga ao trabalhador.
- **Alienação** - significa que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo permanece estranho a ele.
- **Ideologia** – são as idéias com que a classe dominante utiliza para justificar o seu domínio sobre as outras classes.
- **Modo de produção**: modo como os indivíduos de uma determinada sociedade se organizam no que tange à produção, distribuição e consumos dos bens materiais necessários à sua subsistência.
- **Capitalismo**: sistema de produção de bens no qual os produtores produzem além das suas necessidades para sobreviver e colocam os bens excedentes num mercado de trocas. O capitalismo se baseia na procura competitiva do lucro.

- Luta de classes: é a condição própria de uma sociedade de classes, pois as relações de classe se edificam com base numa linha primária de divisão entre duas classes antagônicas, uma classe dominante e uma classe dominada que luta para libertar-se.

Não foi somente a economia e o sistema capitalista os alvos da crítica marxista. A crítica da religião foi considerada fundamental, mas ele não se demorou muito nessa crítica, pois considerava que Ludwig Feuerbach havia feito um trabalho essencial. Nas primeiras obras de Marx a religião é tratada como *alienação* posteriormente ele considera a religião como *ideologia*.

- **A religião na perspectiva de Karl Marx**

Para Marx a religião não trata das coisas do céu e sim da terra. É a condição social que produz a religião. A crítica da religião é também a crítica dessas condições sociais que a produziram. Temos na perspectiva marxista a religião como uma construção e não como parte da essência humana. Mas que tipo de produção humana consiste a religião? Na perspectiva de Marx a religião se caracteriza por ser uma produção que obscurece o homem e impede que ele veja a realidade.

Na *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* ele coloca as bases para uma crítica irreligiosa dizendo que *foi o homem quem fez a religião, não foi a religião que fez o homem* (MARX,1975:47). No mesmo raciocínio a religião é um estado de um homem que está fora da sua consciência, ele ainda não se encontrou ou então se perdeu como ser humano. O homem deve procurar se encontrar não na religião, mas no próprio mundo do homem que é o Estado, a sociedade. Sendo assim, Marx entendeu a religião como uma consciência invertida do mundo. Por que o homem vê a realidade de uma forma invertida? A resposta de Marx foi que isso acontece por causa de que o Estado e a sociedade são também um mundo invertido.

O mundo invertido que produz religião é um mundo de angústia real do qual a religião é a sua expressão e que traduz isso na forma de angústia religiosa. Diante de um mundo que provoca sofrimento a religião aparece como um alívio, uma espécie de suspiro. A comparação que Marx faz é que a religião produz os mesmos efeitos no homem que o ópio em um doente, tira a dor, mas não cura a enfermidade. Para que haja cura da enfermidade o homem precisa parar de se apoiar nas coisas que o enganam e encarar a sua real situação. Assim a crítica da religião destrói as ilusões do homem e o habilita para encarar de forma madura a sua situação de sofrimento e opressão

estabelecendo a verdade deste mundo.

Lembramos que essa crítica de Marx à religião se dá por causa do *mundo do homem*. Rubem Alves (1999:55) detalha a seqüência da argumentação de Marx sobre a religião:

- Uma situação social que necessita de ilusões.
- A religião como a ilusão exigida.
- A religião, como parte do sistema, tanto genética quanto funcionalmente, torna possível sua permanência.
- A crítica penetra neste sistema, na medida em que desmascara as relações genéticas e funcionais entre a religião e o mundo invertido que é o seu fundamento.
- A crítica transforma assim, tanto a estratégia quanto a tática da ação política.

A transformação do mundo do homem é o objetivo da ação política. Na perspectiva marxista a religião é um dos elementos que são impeditivas a transformação necessária. Por isso que a crítica da religião é usada de forma radical. Contudo, cabe perguntar se a religião pode exercer outro papel que não o de servir ao estado das coisas. Marx não vê essa possibilidade na Alemanha do seu tempo, mas observou que em outro momento da história da Alemanha a religião cumpriu um papel revolucionário.

Mesmo historicamente, a emancipação teórica tem, para a Alemanha, um significado especificamente prático. O passado revolucionário da Alemanha é efetivamente teórico, é a *Reforma*. Como outrora no cérebro do *monge*, é agora no do *filósofo* que começa a revolução.

Sem dúvida que Lutero venceu a servidão pela *devoção*, substituindo-lhe a servidão pela *convicção*. Quebrou a fé na autoridade, restaurando a autoridade da fé. (MARX, 1975:59, grifos do autor).

A questão para o filósofo preocupado com a transformação do mundo é identificar quem será o agente emancipador. Para Marx deveria ser a classe que possuísse *cadeias radicais*, que sofresse a injustiça não como indivíduo, mas como categoria, cuja opressão só poderia ser vencida através de reconquista da própria condição humana. Para ele essa classe era o proletariado que era a arma material da filosofia para a transformação e a filosofia era a arma intelectual para a libertação do proletariado.

No caso a função revolucionária exercida pela Reforma no século XVI não ocorria no século XIX, esse papel era exercido pela filosofia como o instrumento que auxilia as classes dominadas a tomarem consciência da sua situação opressiva. Mas não é toda filosofia que pode ser utilizada como instrumento para a transformação do mundo. Marx

descarta a filosofia teórica dos idealistas alemães, por isso é que nas *Teses sobre Feuerbach* (MARX, 1975:84) ele afirmou que os filósofos até então interpretaram o mundo de diferentes maneiras mas o que importa agora é transformá-lo.

Marx se associou em vários dos seus escritos ao seu amigo Friedrich Engels que se tornou o editor das suas obras depois da sua morte. Engels concorda com Marx sobre a religião de modo geral. Mas em dois estudos ele vê o potencial revolucionário da religião. No texto *Sobre a história do cristianismo primitivo* ele vê semelhanças entre o cristianismo primitivo e o movimento moderno da classe operária. Ivo Lespaubin (2003:18) enumera quatro semelhanças entre o cristianismo primitivo e o socialismo nessa obra de Engels:

- A origem social dos adeptos.
- A mensagem de libertação da servidão e da miséria.
- A perseguição que foram objeto.
- Seu sucesso histórico apesar desta perseguição.

Engels em outro ensaio sobre as guerras camponesas na Alemanha analisa que a revolta dos camponeses no século XVI que apareciam com uma roupagem religiosa escondia conflitos de classes. Dividiu os participantes da luta em três agrupamentos: o conservador, representado pelos católicos, que defendia a manutenção da ordem existente; o burguês, representado pelos luteranos, que esperavam enriquecer com o confisco dos bens da Igreja, e o revolucionário, representado pelos camponeses que seguiram os pregadores anabatistas, que desejavam a transformação da sociedade. Essas análises feitas por Engels admite, de certa forma que a religião poderia não ser apenas uma ideologia justificadora mas também poderia expressar a reação de grupos sociais.

A percepção de que o papel da filosofia preconizada por Marx poderia ser também exercido pela religião, ou pela teologia, tornou-se alvo de atenção por diversas correntes teológicas e também por pensadores marxistas revisionistas da teoria de Marx. Assim Ernst Bloch fará uma distinção entre a religião teocrática das igrejas oficiais, que se enquadraria na religião como ópio do povo e a outra religião subversiva e herética que teria uma consciência utópica e revolucionária. (Löwy, 2000:29).

Também Antonio Gramsci percebeu que a religião poderia ser uma aliada do processo revolucionário. Ele analisou a Igreja Católica e verificou que ela não era um bloco monolítico e que dentro dela poderia se constituir aliados do movimento revolucionário. Na sua análise dentro da Igreja também há uma luta pela hegemonia. Essa compreensão permitiu mais adiante que adeptos do pensamento marxista se

aliassem com religiosos de diversos matizes em ações políticas revolucionárias.

Na Teologia encontramos o exemplo da chamada Teologia da Revolução proposta pelo teólogo americano Richard Shaull que propunha um diálogo entre correntes cristãs e marxistas com o objetivo político de se realizar a revolução transformadora. Da mesma forma vários teólogos ligados a Teologia da Libertação utilizaram do instrumental de análise marxista com objetivo de análise da realidade em direção a uma prática libertadora.

### *A função da Religião na sociologia de Durkheim.*

A sociologia começou a se delinear como ciência no final do século XIX e no começo do século XX. Émile Durkheim foi o principal sociólogo francês, com ele a Sociologia adquiriu “status acadêmico” por causa da delimitação de um método específico para a análise da sociedade. A relação indivíduo e sociedade foi o principal objeto da sua pesquisa. No seu pensamento a religião é um aspecto importante já que é impossível coesão social sem ela. Assim a religião adquire um caráter dinamogênico, isto é, aquilo que dá vida aos homens em sociedade (DURKHEIM, 1913:7).

- **Aspectos biográficos**

Émile Durkheim (1858-1917) nasceu em Epinal, na Alsácia, era descendente de uma família de Rabinos. Chegou a frequentar a escola dos rabinos, mas acabou não abraçando a vocação religiosa. Estudou na Escola Normal Superior onde se formou em Filosofia.

Sua carreira acadêmica começou em 1887 quando foi nomeado encarregado de cursos de Ciência Social e Pedagogia na Universidade de Bordeaux. Fundou em 1896 a revista *Année sociologique* congregando jovens colaboradores que formaram com ele a escola francesa de Sociologia.

Em 1906 foi nomeado para a cátedra na Sorbonne chamada de “Ciência da Educação e Sociologia”. O contexto histórico de Durkheim é o da III República Francesa, um período de grande desenvolvimento do capitalismo na França e no mundo. Ele estava engajado na discussão dos grandes temas da sua época: o solidarismo, a educação, a coesão social, a fundação de uma moral secular.

Em 1917 morreu o grande sociólogo francês. Suas principais obras foram:

- *Da divisão do trabalho social.*
  - *As regras do método sociológico.*
  - *O suicídio.*
  - *As formas elementares da vida religiosa.*
  - *Educação e sociologia.*
  - *Sociologia e filosofia.*
  - *Lições de sociologia (obra póstuma).*
- **Objeto da Sociologia**

Um dos aspectos mais importantes da Sociologia de Durkheim foi a proposta de um método consistente para a sociologia. No livro *As regras do método sociológico* (1895) ele estabeleceu os princípios fundamentais que devem nortear essa disciplina. Também definiu que o *fato social* era o objeto da sociologia. Ele definiu fato social como:

[...] toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter. (DURKHEIM, 1982:11)

Depois que ele determinou qual era o objeto de estudo da sociologia formulou a principal regra da análise sociológica que afirma que o fato social deve ser compreendido como “coisa”. O cientista social deve buscar objetividade no seu trabalho e para isso ele deve se submeter à rigorosa disciplina, seguindo algumas regras de observação:

- Afastar sistematicamente todas as prenoções.
- Nunca tomar por objeto de pesquisa senão um grupo de fenômenos previamente definidos por certos caracteres exteriores que lhe são comuns, e compreender na mesma pesquisa todos aqueles que correspondem a esta definição.
- Considerar os fatos sociais naquele aspecto em que se apresentam isolados de suas manifestações individuais.

Durkheim pressupôs que a consciência coletiva tem uma proeminência sobre a consciência individual. As sociedades humanas subsistem por causa da solidariedade, que nas sociedades tradicionais exigem um consenso moral para a perpetuação da ordem social. Nessas sociedades tem-se uma solidariedade mecânica, ou seja, os homens são dominados por um conjunto de crenças e sentimentos que inibem a individuação sem haver grande diferenciação entre os indivíduos.

Já na sociedade moderna há outro tipo de coesão social que ele chama de solidariedade orgânica. Nesse caso a solidariedade não deriva da aceitação de crenças e sentimentos comuns, mas de uma interdependência por causa da divisão social do trabalho. Se na solidariedade mecânica a pressuposição era a semelhança entre os indivíduos na orgânica será a diferença nas suas crenças e ações. A divisão social do trabalho nas sociedades modernas só é possível graças ao *declínio da universalidade da consciência coletiva na sociedade* (GIDDENS,1984:126).

A visão orgânica da sociedade de Durkheim o conduz a fazer a distinção entre o que é normal e patológico no campo social. O que é *normal* se identifica pela característica exterior e perceptível da universalidade. Toda vez que encontramos um fato comum as sociedades podemos considerá-lo “normal”.

No pensamento de Durkheim a sociedade é a fonte dos ideais humanos e é partindo desse princípio que ele vai analisar a religião: ela não é um fenômeno sobrenatural é parte da consciência coletiva da sociedade. A sua análise da religião procura entender qual a função da religião na sociedade.

- **A religião na perspectiva de Durkheim**

A principal obra de Durkheim na qual ele analisa a religião é *As formas elementares da vida religiosa*. Nesse trabalho ele partiu da premissa de que para se compreender a continuidade das formas tradicionais e as formas modernas da sociedade é importante compreender as suas origens religiosas. Para ele a forma mais simples da religião, seguindo a percepção de Tylor, é o totemismo australiano.

A sociologia não parte da idéia da existência de seres sobrenaturais, e assim Durkheim descarta a análise tendo essas crenças como pressupostas. Assim a religião não é analisada partindo do conteúdo das suas crenças, é necessário outro ponto de partida que foi a dicotomia entre duas classes distintas de objetos e símbolos: o *sagrado* e o *profano*.

A definição de sagrado e profano para Durkheim se dá na forma da negação. O caráter do sagrado está em que ele se distingue do profano por uma série de prescrições e proibições rituais que o separam do profano. A religião contém práticas rituais e uma forma institucional bem definida. Essa forma institucional ele chamou de “Igreja”, que devemos entender no sentido da existência de uma organização cerimonial bem definida ligada as pessoas que praticam suas crenças.

[...] uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1989:79)

Dentre as formas religiosas o totemismo é uma forma de religião que não tem deuses ou espíritos personificados. Os elementos religiosos que Durkheim encontrou no totemismo permitiram elaborar algumas das suas conclusões a respeito do sentimento religioso na humanidade. A natureza da religião totêmica deve ser procurada na organização da sociedade clânica. O clã será identificado pelo seu totem e o totem do clã é o mesmo para cada um dos seus membros. Os objetos que servem de totem pertencem principalmente ao reino animal, mas podem também ser do reino vegetal.

No totemismo há três espécies de objetos sagrados. A primeira é o totem que é o eixo da dicotomia entre o sagrado e o profano. O seu caráter sagrado manifesta-se na observância de rituais que impedem que ele seja usado para fins utilitários. A segunda espécie é o emblema totêmico que é a representação que se faz do totem em certos objetos ou que adorna as pessoas, aqui também temos uma série de prescrições e rituais com relação ao seu uso. A terceira espécie de objeto sagrado são os membros do clã, são considerados também como sagrados, pois todo homem tem o nome do seu totem.

Na visão de Durkheim o caráter sagrado dos objetos totêmicos deriva de uma origem comum externa aos próprios objetos e para explicar a religião devemos identificar a essência dessa energia geral que está no princípio dos objetos sagrados. Nesse sentido ele identifica a sociedade que impõe obrigações e respeito como sendo essa entidade superior geradora da religião.

Ora, para que todos os principais aspectos da vida coletiva tenham começado por ser apenas aspectos variados da vida religiosa, é necessário evidentemente que a vida religiosa seja a forma eminente e como que uma expressão resumida da vida coletiva em seu todo. Se a religião gerou tudo o que existe de essencial na sociedade, é porque a idéia da sociedade é a alma da religião. (DURKHEIM, 1989: 496)

É da coletividade que emana a força religiosa. Para Durkheim é esse elemento da *força* que é experimentada pelo praticante da religião é onde está a chave da religião. Engana-se aquele que busca na religião um sistema substancial de idéias, o fato de um objeto ser sagrado não depende das suas qualidades, depende das representações coletivas, assim o que devemos entender é que a religião é um sistema de forças.

Segundo Durkheim o homem religioso não é alguém que descobriu novas verdades a respeito da realidade, mas é um homem que pode mais. (DURKHEIM, 1989:493).

De acordo com a tese de Durkheim a religiosidade está associada a coletividade, mas um dos aspectos importantes da modernidade é o crescimento do individualismo. A própria divisão do trabalho acentua a individualização o que poderia levar a crer que poderíamos chegar a processos secularizantes ou ao fim da própria religião. Com relação a esse aspecto Durkheim supõe que as mudanças na antiga forma de organização do homem é uma transformação e não o fim da ordem moral que a estabeleceu.

Assim a religião é uma *coisa eterna*. Mesmo que as atuais formas religiosas desapareçam o homem criará novas religiões. Os elementos que formam a sociedade continuam: o espaço social, o tempo social, as classes sociais a causalidade coletiva. Toda vez que os homens se reunirem para alcançar um determinado fim eles tem de chegar a algum acordo com relação a isso e aí encontramos os elementos necessários para a constituição da religião.

Portanto, há na religião algo de eterno destinado a sobrevivência a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente. Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as idéias coletivas que constituem a sua unidade a sua personalidade. Ora, essa restauração moral só pode ser obtida por meio de reuniões, assembléias, congregações onde os indivíduos, muito próximos uns dos outros, reafirmam em comum os seus sentimentos comuns. (DURKHEIM, 1989: 504)

Na teoria sociológica de Durkheim a religião adquiriu uma importância central no desenvolvimento de uma teoria do conhecimento. A forma como o pensamento abstrato se organiza é extraído da sociedade. O culto e os ritos se relacionam a um sistema de práticas religiosas, mas a religião não é somente isso, ela também é uma forma de representar o mundo, é um sistema de idéias.

A racionalidade humana é de natureza religiosa, ela liga as coisas entre si, estabelece relações internas, classifica, sistematiza, essa formação de uma lógica interna é essencial também para a lógica científica. Para Durkheim não há diferença de essência entre a lógica da religião e a lógica científica a diferença é de grau: *Uma e outra, sob esse aspecto, perseguem o mesmo objetivo; o pensamento científico é apenas uma forma mais perfeita do pensamento religioso. Parece, pois, natural que o segundo se apague progressivamente diante do primeiro à medida que este se torna mais apto para cumprir a tarefa.* (DURKHEIM, 1989:507).

Na análise da religião que é feita por Durkheim outro elemento que podemos destacar se relaciona com a formação dos conceitos como coisas sociais. E entre eles

está a constituição da moralidade e da ética. Para discernir as coisas que devemos procurar daquelas que devemos evitar, o homem precisa estabelecer relações causais dentro de uma lógica. Assim as representações que são estabelecidas pela religião servem de guias seguros para a vontade. O homem prudente é aquele que sabe o que tem de fazer. As exigências morais da vida em sociedade dependem da capacidade do indivíduo elevar-se acima do seu próprio ponto de vista. De certa forma o ser moral é o que se encontra como coletividade enquanto o indivíduo como tal só pode instituir uma moralidade centrada em si mesmo de forma egoísta. A moralidade coletiva é a que o indivíduo deve seguir: *agir moralmente é comportar-se segundo máximas que possam, sem contradições, ser estendidas à universalidade das vontades.* (DURKHEIM:1989:525).

*Max Weber e os estudos sobre racionalidade e religião.*

Max Weber foi um dos fundadores da escola de sociologia alemã, diferentemente da escola francesa esta sofrerá pouca influência do positivismo, a sua influência maior virá de Kant e de Hegel. A racionalidade do mundo moderno foi a preocupação da sua sociologia. Na construção da racionalidade ocidental ele identificou a contribuição de uma ética marcada pela valorização do trabalho e por um modo ascético de vida. Ele demonstrou que a origem dessa ética se enco

Agemirntava em determinados círculos protestantes, principalmente entre os adeptos do calvinismo.

- **Aspectos Biográficos**

Maximillian Carl Emil Weber nasceu em Erfurt na Alemanha em 21/04/1864, a sua família pertencia a elite da sua cidade, seu pai que também se chamava Max Weber, era industrial e foi eleito deputado para o Reichstag, sua mãe se chamava Helene Fallenstein, a sua família professava a religião protestante sendo que sua mãe era oriunda de família calvinista francesa.

Estudou o secundário em Berlim e os estudos superiores ocorreram em Heildeberg, Berlim e Göttingen. Nesse período Weber estava ligado ao historicismo alemão e a sua tese de doutorado intitulou-se História das sociedades comerciais na Idade Média e sua

tese de livre docência foi sobre a história agrária romana e seu significado para o direito público e privado. A carreira acadêmica iniciou em 1894 quando assumiu uma cátedra de economia política na Universidade de Friburgo. Em 1896, passou a lecionar em Heidelberg.

O seu envolvimento na política da Alemanha se deu através da Associação para a Política Social e ele participou também dos congressos da Associação Social-Protestante (Evangelisch-sozialer Verein).

De 1897 a 1903, sua atividade científica e didática ficou paralisada por causa de grave doença nervosa. Pediu licença da sua cátedra na Universidade de Heildeberg. Nesse período morou na Itália durante uma temporada e não publicou nada se dedicando apenas aos estudos. Em 1903 foi aposentado da Universidade por causa da enfermidade. Em 1904, viajou aos Estados Unidos. Durante a Primeira Guerra Mundial prestou serviço como diretor de um hospital militar. Seguiu com preocupação a ruína moral e cultural da Alemanha como consequência da 1ª Guerra Mundial. Depois da guerra participou da redação da Constituição da República de Weimar.

Nesse meio tempo, em 1902, juntamente com Werner Sombart, tornou-se co-diretor da prestigiosa revista "Archiv Fur Sozialwissenschaft und Sozialpolitik ". Foi nessa revista que ele publicou o ensaio *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905) a sua obra mais discutida na qual relaciona o desenvolvimento do capitalismo a religião Protestante. A partir desse trabalho Weber escreveu outros textos ligados aos estudos das grandes religiões na associação com a sociedade e a economia. Após a sua morte em 1920, os seus estudos que estavam em elaboração são organizados por sua esposa Marianne Weber e publicados com o título *Economia e Sociedade*.

Morreu em Munique, para onde fôra chamado, a fim de ensinar economia política, em 14 de junho de 1920. Algumas de suas obras foram: *Artigos Reunidos de Teoria da Ciência, Economia e Sociedade* (obra póstuma) e *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

- **Objeto da Sociologia**

Para Weber o objeto da sociologia é a ação social entendida como "...uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso." (WEBER,[1921] 2004: 3). Ele distinguiu quatro formas das ações sociais:

- modo racional referente a fins;

- modo racional referente a valores;
- modo afetivo;
- modo tradicional.

Na ação social tradicional a determinação acontece pelos costumes e ações cotidianas vinculadas aos hábitos arraigados nos indivíduos. Na ação racional que visa um fim temos o indivíduo que orienta suas ações pesando as conseqüências dos seus atos de tal forma que pondera racionalmente sobre os meios e as conseqüências. Já na ação social motivada por valores os fins só tem sentido se os meios utilizados forem corretos. Por sua vez, o comportamento afetivo não se preocupa com o “sentido” da ação, ela pode ser apenas reação a um estímulo não-habitual.

Outro conceito chave da sociologia de Weber é o de *Relação Social* que é a compreensão que diversos agentes têm de um comportamento. Nesse caso temos a probabilidade de que as pessoas agirão socialmente em uma forma indicável sem a necessidade de explicar em que se baseia essa probabilidade. A relação social pode ser transitória ou permanente, e a sua existência é determinada pela probabilidade de que ocorra uma ação correspondente ao sentido. Ele classifica a relação social em “comunitária” quando repousa no sentimento dos participantes de pertencer ao mesmo grupo e “associativa” quando há um acordo racional.

Weber se desdobrou no estudo de três grandes temas: o poder, a economia e a religião. Para ele a característica principal da sociedade capitalista era a sua racionalidade. Na análise do poder ele constituiu três tipos de exercício do poder: o racional-legal, que era o poder exercido pela burocracia, o carismático e o tradicional. Mas foi o seu estudo sobre religião e economia que Max Weber ficou conhecido, com o seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, em que ele faz a relação entre um elemento cultural e o surgimento de uma nova racionalidade econômica.

O método utilizado por Weber foi chamado de compreensivo por utilizar no estudo das ações sociais os instrumentos da história. A inovação metodológica de Weber foi a construção de uma ferramenta metodológica denominada *tipo ideal* que é uma construção teórica abstrata a partir dos casos particulares analisados. O cientista, pelo estudo sistemático das diversas manifestações particulares, constrói um modelo acentuando aquilo que lhe pareça característico ou fundante. O detalhe da construção desta ferramenta é que nenhum caso particular se encaixará perfeitamente no tipo idealizado, mas ele permitirá fazer generalizações e comparações. Depois que ele formulou a idéia do *tipo ideal* como instrumento metodológico é que ele publicou *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* que se tornou referência dos seus estudos sobre religião.

- **A religião na perspectiva de Max Weber**

Entre 1904 e 1918 Weber escreveu uma série de ensaios sobre sociologia das religiões. Para melhor entender a singularidade do Ocidente cristão, estudou as *religiões mundiais* (WEBER,2004:309): confucionismo, hinduísmo, budismo, cristianismo, judaísmo e islamismo. O seu interesse no estudo das religiões estava vinculado as questões econômicas.

É o sentido da ação social e individual que ele quer demonstrar, por isso a sua preocupação em estudar as diversas religiosidades, de certa forma os agrupamentos religiosos representam a *mínima socialia* que Weber procurava se aproximar nos seus estudos. As formas de vida associativa presentes nas religiosidades produzem o ethos necessário às práticas econômicas.

Weber entendeu que a ação religiosa é do tipo racional motivada pela experiência e por um fim ligado as ações do cotidiano e que na sua maioria tem uma natureza econômica. A mediação econômica que acontece no cotidiano é marcada por atos significativos com que se procura obter efeitos reais. Todas as atividades humanas são marcadas por essa intermediação simbólica, por isso que *todos os círculos da atividade humana são atraídos para o círculo mágico simbolista*. (WEBER, 2004: 282)

Na sociologia da religião Weber fez diversas distinções como a que existe entre culto e magia. A razão exige *deuses universais* e a sistematização da religião é feita por um corpo profissional de sacerdotes ou pelo esforço de leigos que estabelecem uma ordem racional. O culto é realizado por esses funcionários profissionais que são os “sacerdotes”, que por meio da veneração influenciam os deuses. A magia é uma forma de “forçar” os poderes espirituais a cumprir a vontade particular do mago praticante. Para que haja racionalização das idéias metafísicas o corpo profissional (sacerdotes) da religião é necessário.

Tanto no culto sem sacerdote quanto no mago sem culto falta, em geral, a racionalização das idéias metafísicas, bem como uma ética especificamente religiosa. Ambas as coisas somente costumam desenvolver-se quando há um sacerdócio profissional independente, adestrado para a ocupação contínua com o culto e os problemas de orientação prática das almas. (WEBER, 2004: 295)

Contudo, é com “A ética” que o nome de Weber estará associado a sociologia da religião, ele partiu de uma constatação banal: o capitalismo surge no século XVI nos países do Ocidente e principalmente nos países e meios de confissão protestante. Para explicar este fenômeno ele construiu dois tipos ideais: a ética protestante e o espírito do capitalismo. A ética protestante baseada no trabalho como vocação e na ascese leiga. E o espírito do capitalismo como uma racionalidade de acúmulo de capital.

Para Weber a idéia de racionalização do trabalho que é a principal característica do capitalismo moderno só é possível com a cotidianização de um modo de vida. Esse fenômeno ocorreu com a ética protestante desenvolvida em diversas “seitas”, no sentido técnico do termo, ou seja, de congregações locais organizadas em uma relação associativa da qual a pessoa participa por livre vontade.

Foi nas camadas pequenos-burgueses urbanas onde se desenvolveu uma religiosidade congregacional-ética. Nem as camadas altas da burguesia nem o proletariado desenvolveram esse tipo de racionalidade, no caso da alta burguesia não se gerou uma religiosidade específica e no caso do proletariado o tipo de religião característica é de caráter mágico.

As camadas do proletariado, mais baixas, mais instáveis, para as quais as concepções racionais são menos acessíveis, e, ainda, as camadas proletárias da pequena burguesia, constantemente carentes e ameaçadas de proletarização, podem facilmente ser captadas por missões religiosas, sobretudo quando estas apresentam um caráter mágico, ou, - onde a magia propriamente dita já foi exterminada – quando oferecem sucedâneos da dispensa de graça mágico-orgiástica – como fazem, por exemplo, as orgias soteriológicas de tipo metodista praticadas pelo Exército da Salvação. (WEBER, 2004:332)

Para Weber o protestantismo ascético acabou com a magia, com a busca da salvação por meios externos e com a contemplação como caminho religioso. Esse tipo de religiosidade eliminou a contradição entre habitus religioso cotidiano e extracotidiano com a racionalização de um modo de vida que abriu caminho para os mais piedosos e eticamente rigorosos à vida dos negócios apontando o êxito nessa área como fruto da condução de uma vida racional.

Essa racionalização da vida passou por um desencantamento religioso do mundo. Weber constatou que a racionalidade da sociedade moderna já não era mais religiosa ela já havia “secularizado”, outras instituições tomaram o lugar da religião e ela passou por um declínio na sua influência na vida da sociedade.

## Conclusão

O pensamento de Marx ajudou a consolidar uma forma de ver a religião como algo que aliena e oprime o homem. Em uma sociedade que se divide entre opressores e oprimidos a religião serve para ocultar as correntes que prende as pessoas. A crítica a religião torna-se assim indispensável para que haja libertação. O potencial revolucionário da religião é indicado, mas não é explorado por Marx e Engels.

Durkheim entendeu a religião como um elemento que produz vida na sociedade. Por isso a religião é eterna, mesmo que as formas atuais de religião desapareçam o homem continuará produzindo religiosidades. A religião é um elemento constitutivo e fundamental da sociedade. Mas é também a sociedade que produz a religião e lhe proporciona o seu desenvolvimento.

A ação religiosa analisada por Weber é a do tipo racional. A religião com o tempo supera a fase da magia e cria comportamentos racionalizados que terão implicações em todas as esferas da vida, principalmente no comportamento econômico. A racionalização da vida causou um desencantamento do mundo que abriu as possibilidades de uma vida secularizada em que a religião já não ocupa um lugar central.